

É possível combater a "epidemia" dos massacres em escolas?

O problema está longe de ser só o porte de armas, e a solução também

Por Monique Caroline

O massacre de Columbine, Sandy Hook, Virginia Tech, Realengo, Suzano e tantas outras tragédias têm elementos em comum. Além de evidenciar a situação de instabilidade emocional dos jovens protagonistas desses massacres e as motivações que possibilitam esses atos, também pautam o debate sobre a cultura do armamento.

O massacre de Suzano que aconteceu na última quarta-feira, 13 de março de 2019, destacou a saúde mental abalada de Guilherme Tauci Monteiro e Luiz Henrique de Castro. Acredita-se que os assassinos estavam caracterizados como personagens de videogames e mostram como de jogos tiros podem se tornar "gatilhos" para pessoas em situações de vulnerabilidade psicológica.

É entendível que não apenas o videogame pode ser a motivação para pessoas com pensamentos suicidas e homicidas, assim como aconteceu no caso da Creche Fabeltjesland (Bélgica, 23 de janeiro de 2009). Apesar de não portar arma de fogo, o assassino estava caracterizado com uma maquiagem parecida com a do personagem *Coringa*, transformando o filme em um instrumento no plano de massacre.

É claro que nem todo jogador se torna um assassino em série, pois cada um tem um impacto diferente com as informações que recebe. Contudo, videogames podem ser a matriz para diversos crimes como o ataque que aconteceu na Nova Zelândia. No episódio, os assassinos reproduziram um jogo de tiros na vida real, pois diferentemente dos filmes, a pessoa vive aquela realidade e se coloca no lugar do atirador, não apenas assiste.

A maioria dos massacres terminam em suicídio dos autores. Talvez essa consequência já aconteceria em outro momento, mas por conta dos problemas mentais causados por dificuldades financeiras, desestruturas familiares e bullying nas escolas (um dos principais motivos), eles acabam levando outras pessoas consigo movidos muitas vezes por planos de vingança.

No massacre da Universidade Virginia Tech (Estados Unidos, 16 de abril de 2007) o estudante assassino já demonstrava sinais de instabilidade emocional e perseguia duas colegas da faculdade um tempo antes. Ele recebeu uma advertência e a situação ficou por isso mesmo. Por que ficou por isso mesmo? E os pais? A faculdade? O que fizeram em relação a situação psicológica dele?

A ausência de saúde mental leva muitos a ter visões distorcidas da realidade. O autor do Massacre da Escola Politécnica de Montreal (Canadá, 6 de dezembro de 1989) pronunciou “Estou lutando contra o feminismo. Vocês são mulheres, vocês serão engenheiras. Vocês são um bando de feministas”, antes de matar as colegas de faculdade.

Voltando para o massacre que aconteceu no Brasil, alguns comentários de humor ou apoiando os atos de Guilherme Monteiro em suas redes sociais mostram que as tragédias estão longes de seu fim, outros jovens chegaram a comentar nas postagens que fariam a mesma coisa caso tivessem a oportunidade. Aonde estão os responsáveis destes adolescentes, ou alguém para ver e ajudar nisso?

O acompanhamento sobre o que jovens fazem quando estão na internet, assim como os lugares que frequentam e gostos que eles têm poderiam ajudar a identificar pensamentos suicidas e homicidas. Não seria uma questão de aprisionamento dos filhos e invasão de privacidade, mas sim proteção e cuidado. Crimes planejados têm muitas bases na Deep Web, mas também em camadas comuns da internet que poderiam ser percebidas antes. Não apenas para adolescentes, mas para os autores mais velhos também, o abandono social e familiar que muitos passam não transfere a culpa desses acontecimentos para terceiros, mas ajuda a entender o que aconteceu.

Tantos massacres cometidos por armas de fogo colocam em pauta a discussão sobre a legalização do porte de armas no Brasil. Segundo dados da Pesquisa Global de Mortalidade por Armas de Fogo (1990 - 2016) , do Instituto de métricas e avaliação em saúde, o país já soma 43.200 mortes, liderando o ranking sendo que a legalização ainda não é permitida (imagina se fosse).

Atrás do Brasil, vem os Estados Unidos, com 37.200 mortes o país é palco das maiores tragédias com armas de fogo e os massacres chegam a ser tratados como uma espécie de "epidemia". Lá, a legalização é liberada, um exemplo a não ser seguido, caso o presidente Jair Bolsonaro queira copiar seu amigo Donald Trump nisso também.

Não é raro os americanos irem às ruas pedir leis mais rígidas para o controle de armas e até revogar a legalização, a manifestação "Marcha pelas nossas vidas" mostrou a indignação de estudantes que não querem ter treinamentos nas escolas todos os meses para saber como reagir a esses ataques. Querem mais segurança, querem o fim dos massacres. Mesmo que a solução para o fim desses crimes esteja longe de ser só a o porte de armas, não seria o aumento delas que consertaria isso, e sim a diminuição.